

Apresentação

*Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar*
Luís de Camões

O presente número da *Convergência Lusíada* tem por tema principal a *Vita Nova*, conceito teorizado pelos barthesianos a partir do último projeto do pensador francês. No verão de 1979, Roland Barthes traça os contornos dum intento no qual a figura da mãe, “mam” como lhe apelidava o filósofo, se assevera central. Filosofia da fragilidade e da vivificação, o pensamento e a obra de Barthes são férteis quando se trata de pensar a criação artística. A evidente paixão pela matéria literária não o impedia, porém, de cruzar e enredar a sua reflexão com a experiência vivencial. *La Chambre claire* e *Journal de deuil* são textos que comprovam por exemplo a importância da mãe no desfilar das ideias, conceitos e propostas que Barthes leva a cabo, ou não. O projeto duma *Vita Nova* surge precisamente nessa fase, a última do pensador francês: o desejo duma vida radicalmente nova induzida pelo luto, na qual o leitor não deixará de reconhecer Dante que, com a sua *Vita Nuova*, criou uma forma narrativa e poética para exprimir o amor e o luto: um *stil nuovo*. Dito de outra maneira, a *Vita Nova* barthesiana assume-se como um gesto radical de descontinuidade na obra; inflexão que bem registra o pensador francês no seu diário: “discontinuer – nécessité de discontinuer ce qui marchait avant sur sa lancée”. Deste modo, a *Vita Nova* mostra que a experimentação de uma forma nova – Barthes ansiava por escrever um romance, tema aliás das últimas aulas que dera no Collège de France; *transformando-se*, assim, *o amador na coisa amada,/ por virtude do muito pensar* – começa por ser vivida na figura duma ruptura; ou seja, uma transformação, uma mudança de paradigma: o anverso e o reverso da matéria literária: do estudo do romance proustiano à preparação dum romance, do ensaio à prosa.

É esta inflexão que leva Agnès Levécot, Sara Carmo, Leonardo Gandolfi, Sónia Rita Melo e Catherine Dumas a indagarem na literatura lusófona processos de escrita que relevem da *Vita Nova*: ou seja, obras que, a dado momento, procuraram textualmente uma orientação, uma trajetória, nova, nas suas formas, *como a matéria simples busca a forma*, num movimento confluyente em que vida e escrita se entrelaçam, porque as vidas novas que invocam as obras estudadas, na primeira articulação deste número, são sempre o desabrochar de escritas novas e de regras novas.

Por outro lado, a referência a Camões ativa uma outra figura, objeto, também ela, de estudo por parte de R. Barthes: o amador. Podemos até salientar que além da questão principal que focamos, neste número da *Convergência Lusíada*, a figura do amador preside toda e qualquer tematização, nomeadamente no que diz respeito às variadíssimas propostas que contempla a

seção Vária. Ao tomar o amadorismo como *ethos* privilegiado, pensando-se inclusive como um amador, Barthes acaba por enunciar os termos de uma relação amorosa: a paixão pela esfera do saber; a matéria artística. É precisamente o que sucede com a reflexão do poeta português Luís Quintais sobre a obra de Rui Chafes. É uma abordagem em que o regresso ao escultor português não significa redundância, mas sim uma nova ampliação da leitura numa espécie de dispêndio do poético em que se afigura a relação quase corpórea que liga o amador à *cousa amada*. Por sua vez, Ricardo Gil Soeiro, investigador e poeta, segue, também ele, o modelo barthesiano do amadorismo numa perspectiva muito voltada para o texto como objeto de eleição. São atos livres que tendem a promover formas e estilos novos na busca incessante dum refazer na pura experiência do poético. Assim, Marleide Anchieta reinveste a obra de Manuel Gusmão ao expandir as suas leituras até ao limiar da descontinuidade, examinando a relação entre poesia e cinema. Já Julio Cattapan, Tatiana Prevedello e Evelyn Blaut Fernandes apresentam abordagens renovadas sobre escritores de forte presença na literatura portuguesa do século XXI, como Carlos de Oliveira e António Lobo Antunes. Ainda nessa seção, Ricardo Gil Soeiro trata do escritor brasileiro Juliano Garcia Pessanha, “um autor dificilmente catalogável em nomenclaturas literárias estanques” e Geraldo Bär retorna ao escritor oitocentista tão esquecido, António Feliciano de Castilho, para examinar seu trabalho “como mediador e tradutor no processo da recepção portuguesa da literatura de expressão alemã e dos poemas atribuídos a Ossian”. Ao final, Zília Osório de Castro analisa a revista *Atlântida* (1915), criada por João de Barros e João do Rio, a qual, “Editada sob o signo da portugalidade, iria contribuir para a criação de uma ‘nova e grande Lusitânia’ em que a tradição de Portugal continental se aliaria à juventude da nação brasileira”.

Ao fim deste número, três resenhas que remetem para o trabalho apaixonante, transformador do amador, seja na tradução de *O mestre* por Catherine Dumas, seja na leitura crítica da obra de Lídia Jorge por Maria Graciete Besse, seja na relação entre artes, quando o ensaísmo a partir do olhar do poeta Luís Quintais vai ao encontro da arte escultórica de Rui Chafes.

Certamente o leitor apreciará transitar entre estes textos que falam de metamorfoses, matérias e formas novas, de objetos amados e de amadores, de escrita e leituras do mundo.

Paolo Alexandre Néné
Ida Alves